

REFLETINDO PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O SERTÃO EM SALA DE AULA

João Paulo do Espírito Santo ¹
Léa Costa Santana Dias ²

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar as ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Língua Portuguesa, realizado com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) do Colégio José Aras, na cidade de Euclides da Cunha. A proposta teve como eixo temático: “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices”, e buscou articular o ensino da língua portuguesa às vivências culturais dos estudantes, valorizando as expressões regionais como ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Com base em pressupostos da educação crítica e dialógica, ancorada nos estudos de Paulo Freire, e da pedagogia da diversidade cultural, a metodologia fundamentou-se em atividades colaborativas, oficinas de leitura e escrita, uso de gêneros textuais variados, bem como rodas de conversa e valorização da oralidade. As práticas foram planejadas em diálogo com as observações do cotidiano escolar e com o plano de aula construído coletivamente pela equipe. Os resultados apontam avanços significativos no interesse dos estudantes, na apropriação de elementos da norma padrão em situações comunicativas contextualizadas e no fortalecimento da identidade cultural dos discentes. A escuta ativa, a mediação sensível e o acolhimento das vivências locais mostraram-se essenciais para a promoção de um ensino significativo e transformador. Conclui-se que iniciativas como esta potencializam o trabalho docente e reafirmam o papel da escola pública como espaço de valorização da diversidade, da cultura e da formação cidadã. O relato evidencia, ainda, a importância da iniciação à docência como campo de formação docente crítica e reflexiva.

Palavras-chave: PIBID, Educação Básica, Professor em formação, Língua e cultura.

INTRODUÇÃO

No cenário educacional brasileiro, especificamente nas regiões interioranas do semiárido nordestino, a formação inicial de professores emerge como um campo fértil para investigações que busquem a interlocução entre teoria e prática docente. Sob a execução da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)³ se inscreve nesse contexto com a

¹ Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), joaopaulouneb@gmail.com;

² Professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutora em Literatura e Cultura (UFBA), leacsdias@gmail.com;

³ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pela CAPES/MEC, oferece aos licenciandos a oportunidade de vivenciar, de forma orientada e progressiva, experiências formativas no





finalidade de fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o fortalecimento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira, desempenhado um papel fundamental no âmbito da docência ao fomentar experiências formativas em ambientes reais de ensino. Nesse sentido, a Iniciação à Docência consiste na participação acompanhada e guiada de estudantes de cursos de licenciatura em instituições públicas de educação básica, com o propósito de desenvolver práticas pedagógicas de forma progressiva, tanto em complexidade quanto em autonomia. Essa inserção é adequada à etapa do curso em que o licenciando se encontra, permitindo que ele compreenda e vivencie, ao longo da graduação, os desafios e particularidades do ambiente escolar onde atuará profissionalmente. Dessa forma, este relato de experiência inscreve-se nesse panorama, atrelado ao Curso de Licenciatura em Letras ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XXII - Euclides da Cunha, relatando a atuação docente desenvolvida com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) no Colégio José Aras, na cidade de Euclides da Cunha, desde novembro de 2024 até julho de 2025.

A intervenção pedagógica deu-se no âmbito do subprojeto intitulado: “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices”, cuja proposta central é promover, por meio de práticas de ensino da Língua Portuguesa integradas à cultura local, uma reflexão crítica e sensível acerca dos saberes populares, das expressões culturais e das narrativas do sertão. O projeto busca dialogar com os conteúdos curriculares e os repertórios culturais dos estudantes, reafirmando a importância de um ensino que valorize a leitura do mundo em sua diversidade e pluralidade.

O objetivo geral deste estudo é relatar a partir das vivências em práticas reflexivas, os desdobramentos pedagógicos, teóricos e metodológicos da experiência de Iniciação à Docência pelo PIBID-UNEB, destacando suas contribuições para a formação docente e o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade. Especificamente, pretende-se evidenciar como a inserção de práticas pedagógicas culturalmente situadas pode fomentar o engajamento dos alunos, o desenvolvimento das competências linguísticas e a construção de identidades culturais críticas e criativas.

Metodologicamente, o presente texto caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa-formação, com uso de instrumentos como observação do participante, registro em diário de campo e análise reflexiva das produções textuais e

interior das escolas públicas de educação básica. Seu objetivo é aproximar teoria e prática, promovendo a formação docente inicial a partir da realidade escolar, contribuindo para a valorização do magistério e o fortalecimento da educação pública.





iconográficas dos estudantes. A proposta metodológica articulou atividades dialógicas e recursos audiovisuais que exploraram o léxico, as narrativas e as manifestações culturais locais, destacando o uso de obras literárias regionais, canções populares e documentos visuais.

Os resultados preliminares apontam para um aumento significativo do engajamento dos estudantes, que passaram a se reconhecer como sujeitos ativos na produção de sentidos, articulando oralidade, memória e criatividade em suas produções textuais, como relatos de festas tradicionais, descrições de manifestações religiosas e releituras de cordéis e canções nordestinas. Essas práticas possibilitaram a construção de uma relação afetiva e crítica com a língua e com o território, ressignificando o ensino de práticas de leitura e escrita a partir da cultura local.

Por fim, a experiência revela o potencial transformador de um ensino de Língua Portuguesa que se funda na valorização da diversidade cultural e da história regional, contribuindo para a formação de professores reflexivos e comprometidos com uma educação socialmente significativa e emancipadora.

Em suma, ao meu ver, relatar essa experiência é mais do que uma simples análise e avaliação das vivências durante o processo descrito, é antes de tudo, um convite a refletir o quão é essencial experienciar desde a inserção na graduação, práticas formativas no chão da sala de aula, nos permitindo pensar o quanto nós estudantes de letras e professores em formação estamos refletindo desde a universidade o lugar-espço real da escola do nosso território, especialmente do nosso ávido fazer pedagógico no sertão.

METODOLOGIA

Este relato de experiência fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, cujos princípios metodológicos se inscrevem no campo da pesquisa-formação. Tal perspectiva valoriza a vivência do pesquisador como parte integrante do processo investigativo, especialmente em contextos educativos nos quais a prática docente se constitui, simultaneamente, como objeto de análise e campo de intervenção.

A experiência foi desenvolvida no âmbito do subprojeto: “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices”, através da Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Campus XXII, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), com atuação na turma do 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) do Colégio José Aras, localizado no município de Euclides da





Cunha – BA, entre os meses de novembro de 2024 e julho de 2025, visando a princípio os seguintes objetivos elencados:

- Apresentar o subprojeto: "O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invenções" à turma, explicando a natureza da temática, as questões disciplinares relativas ao funcionamento da aula e do subprojeto;
- Desenvolver a capacidade de expressão dos desejos, expectativas e sentimentos dos estudantes para o ano letivo através da dinâmica da palavra no centro do quadro e escrita em forma de carta para o eu futuro desses (as) sujeitos (as);
- Estimular a reflexão sobre o contexto histórico em que estão inseridos e sobre os protagonistas que constroem a escrita;
- Compor uma cápsula do tempo com a escrita, memórias e narrativas dos estudantes a ser revisitada ao final do ano letivo como ferramenta de reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem;
- Analisar produções culturais cuja temática principal sejam as particularidades do sertão nordestino;
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social.

O planejamento e a execução das atividades foram norteados por uma metodologia ativa, que buscou privilegiar a construção do conhecimento a partir da interação entre sujeitos, saberes e contextos socioculturais. As ações pedagógicas foram orientadas pelos princípios do letramento cultural, com o propósito de integrar as práticas de leitura e escrita à valorização da memória, das manifestações religiosas e das tradições sertanejas, que na sequência são detalhadas.

A implementação das atividades do subprojeto apoiou-se em estratégias pedagógicas que articulam teoria e prática, valorizando a cultura sertaneja como eixo estruturante da proposta. A partir da formação de um grupo de estudos com a coordenadora de área, a supervisora e os colegas bolsistas de iniciação à docência, visando o embasamento teórico das ações foi possível a ampliação dos novos rumos no processo de iniciação à docência. Importante mencionar que nessa etapa foram utilizados livros, revistas, sites especializados e obras literárias de autores representativos do sertão, como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha; além de músicas de Luiz Gonzaga e Moraes Moreira, que serviram como base para discussões temáticas e interdisciplinares.





No que se refere à metodologia de aprofundamento teórico e análise crítica, produzimos fichamentos, resumos e resenhas de textos acadêmicos (sobre leitura, produção textual e gêneros literários) e materiais culturais (filmes, canções e documentários). Essa produção teve orientação direta da supervisora e serviu de preparação para a atuação em sala de aula.

Para fins de registro e análise da experiência, foram utilizados os seguintes instrumentos: (i) diário de campo, no qual foram sistematizadas observações, reflexões e anotações realizadas ao longo das intervenções; (ii) registros fotográficos; e (iii) produções textuais dos estudantes, como relatos, reescritas criativas, que serviram como material empírico para análise qualitativa dos efeitos das práticas propostas.

As atividades foram planejadas em conformidade com o Projeto Político-Pedagógico da instituição escolar e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), respeitando-se a autonomia pedagógica dos professores supervisores e a realidade sociocultural da comunidade escolar. Não foi necessária submissão à comissão de ética em pesquisa, uma vez que se trata de um relato de experiência de cunho formativo, sem exposição de dados sensíveis ou identificação de sujeitos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Refletir a leitura e compreensão a partir do foco na interação é pensar na leitura não mais concebida apenas como decodificação gráfica ou como simples extração de sentido a partir do texto. Nesse sentido, Koch e Elias (2011), asseguram no viés da chamada terceira concepção de leitura, foco na interação autor-texto-leitor, que compreender um texto é um processo complexo em que os sujeitos agem como atores/construtores sociais, isto é, o leitor atua como sujeito ativo, que dialogicamente se constrói e é construído no próprio texto, sem se desvincular do próprio espaço de interação e constituição dos interlocutores.

Como enfatiza Solé (1998), o processo de ensino da leitura deve considerar a diversidade de estratégias utilizadas pelos leitores para construir sentido, como antecipação, inferência, verificação de hipóteses e síntese. Essas estratégias não são inatas: precisam ser ensinadas de forma sistemática e contextualizada, com base em situações reais de leitura. Nessa perspectiva, o sentido de um texto não encerra com sentidos prontos, pois ele oferece pistas que, em articulação com os conhecimentos prévios, objetivos, estratégias e contexto sociocomunicativo do leitor, possibilitam a produção de variadas leituras e interpretações.





Por isso, a construção do referencial teórico deste relato de experiência está ancorada em discussões contemporâneas sobre leitura, produção textual, gêneros textuais e literários, bem como na valorização das narrativas históricas e culturais do sertão. Nesse sentido, a formação de um grupo de estudo — composto pela coordenadora de área, supervisores e bolsistas de iniciação à docência — foi fundamental para o embasamento teórico-metodológico das ações desenvolvidas no subprojeto. Tal iniciativa teve como objetivo principal fortalecer a aplicabilidade do projeto nas escolas participantes, promovendo uma prática docente comprometida com a realidade sociocultural dos alunos.

As pesquisas realizadas pelo grupo se debruçaram sobre materiais diversos — livros didáticos e paradidáticos, revistas, jornais e portais especializados — com o intuito de compreender as múltiplas abordagens da leitura e da escrita no contexto escolar, bem como de refletir sobre o papel dos gêneros discursivos e literários no desenvolvimento da competência comunicativa e crítica dos estudantes. Em destaque, o foco foi direcionado às representações do sertão na literatura e em outras linguagens, considerando autores consagrados da cultura brasileira como Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Dias Gomes, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Jorge Amado. Essas vozes contribuíram para ampliar o repertório cultural dos alunos e favorecer a construção de vínculos entre o conteúdo escolar e suas experiências locais.

Além da literatura, foram incorporadas à pesquisa canções de compositores cuja obra dialoga profundamente com a identidade sertaneja, como Luiz Gonzaga e Elomar Figueira Mello, cujas letras evocam elementos históricos, religiosos, sociais e afetivos do sertão nordestino. A linguagem cinematográfica também foi explorada como ferramenta pedagógica e recurso cultural de grande potência narrativa, a partir de filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha; *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993), de Antonio Olavo; *Guerra de Canudos* (1997), de Sérgio Rezende; *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles; *A Hora da Estrela*, inspirado na obra de Clarice Lispector; e *Morte e Vida Severina*, baseado na peça-poema de João Cabral de Melo Neto.

Para o aprofundamento da temática da Guerra de Canudos, evento emblemático da história brasileira e da formação do sertão enquanto espaço simbólico e geográfico, foram mobilizados romances que reconstroem, sob diferentes perspectivas, a trajetória de Antônio Conselheiro e os conflitos em torno do arraial de Belo Monte. Compõem esse corpus as seguintes obras: *A Guerra do Fim do Mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa; *O Sertão Vai Virar Mar* (2002), de Moacyr Scliar; e *O Pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton





Fonseca. Essas narrativas literárias, ao revisitarem criticamente o episódio de Canudos, permitiram aos estudantes e aos integrantes do subprojeto refletirem sobre o apagamento histórico, os estigmas sociais e as resistências culturais que marcam o sertão brasileiro.

Segundo Libâneo (1994), o trabalho docente — também denominado *atividade pedagógica* — tem como objetivos primordiais:

- ❖ Assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos;
- ❖ Criar as condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento;
- ❖ Orientar as tarefas de ensino para objetivo educativo de formação da personalidade. Ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, e terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real.

Assim, nosso embasamento teórico adotado se constituiu como um campo multidisciplinar e transmediático, que valoriza a articulação entre práticas de linguagem, história, cultura e território, evidenciando o papel da escola como espaço de formação cidadã e de reconhecimento das identidades locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica realizada com a turma do 7º ano do Colégio José Aras, no âmbito do subprojeto: “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices”, revelou-se significativo em termos de aprendizagem reflexiva e construção de sentidos compartilhados a partir da leitura literária e da escrita autoral. Desde o primeiro momento, a proposta de integrar manifestações culturais, afetivas e históricas do sertão à prática pedagógica proporcionou um mergulho profundo em dimensões identitárias da comunidade escolar. A cada encontro, o desafio de articular teoria e prática, conteúdo e vivência, linguagem e memória, consolidou em mim a compreensão de que a docência é um ato de escuta, criação e presença. O início desse percurso de inserção no contexto escolar foi e continua sendo desafiador, uma vez que a complexidade de articulação entre teoria, prática e mediações na sala de aula permanece marcado por novas experiências no envolvimento com os estudantes e na prática pedagógica em si. Ao fim e ao cabo, essa experiência me conduziu a um processo de amadurecimento reflexivo, dialógico e transformador, cuja oportunidade de descrever se faz nesse relato.





Importante mencionar que as práticas empreendidas foram sistematicamente registradas por meio de relatórios reflexivos, portfólios de atividades e diários de bordo, que permitiram a observação contínua dos avanços e desafios enfrentados no cotidiano escolar. As reuniões pedagógicas possibilitaram não apenas a análise das produções discentes (como interações em sala e produções textuais), mas também a retomada de leituras teóricas por meio de fichamentos e resenhas, promovendo um olhar crítico sobre as escolhas metodológicas realizadas.

Nesse sentido, a avaliação constituiu-se em um processo dialógico e contínuo, fundamentado tanto na escuta sensível às necessidades dos estudantes quanto na autorreflexão sobre a práxis (Freire, 1996). Pretendia-se, com isso, assegurar a coerência entre os objetivos do subprojeto e as estratégias efetivamente desenvolvidas em sala.

A metodologia adotada — que contemplou atividades expositivas dialógicas, leitura em voz alta, produção de texto, além de exercícios lúdicos com cruzadinhas, caça-palavras e roda de conversa — permitiu a observação de resultados concretos: a ampliação do repertório lexical dos alunos, maior engajamento na leitura literária e desenvolvimento da capacidade de organização discursiva nos textos produzidos, ainda necessitados de contínuas intervenções pedagógicas. As narrativas escritas pelos discentes, inspiradas nas manifestações religiosas e memórias do sertão, revelaram vocabulário expressivo, uso de recursos estilísticos como repetição e metáforas, e indícios de elaboração crítica das temáticas discutidas em sala. Nesse sentido, compreende-se a importância da Didática no currículo do professor como um instrumento de uma prática pedagógica reflexiva e crítica, contribuindo para a formação da consciência crítica, sendo a formação docente portanto: um processo pedagógico, que deve acontecer de forma a levar o professor a agir de maneira competente no processo de ensino.

A primeira aula foi marcada pelas dinâmicas: “A palavra no centro de nós” (anexo: imagem 1) e “Cápsula do tempo – carta para o meu eu do futuro” (anexo: imagem 2), experiências que abriram espaço para que os estudantes compartilhassem suas expectativas e subjetividades no início do ano letivo. Esse momento de acolhimento fortaleceu os vínculos e permitiu o reconhecimento da linguagem como território de afeto e expressão. Logo em seguida, iniciamos os estudos sobre o sertão a partir da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. A apresentação da biografia da autora e do contexto da seca de 1915 possibilitou que os estudantes estabelecessem relações entre literatura e realidade vivida, ampliando o repertório cultural e histórico da turma. A criação do mural coletivo sobre o que é o sertão para os estudantes tornou-se um marco simbólico e afetivo da valorização do saber local (anexo: imagem 3).





Outro momento significativo foi a aula com o tema: “O sertão em sala de aula: fé nordestina, religiosidade e Semana Santa”, na qual utilizamos vídeos, cordéis e trechos do livro *O Quinze* para refletir sobre o papel da fé no cotidiano sertanejo (anexo: imagem 4). A escuta ativa e a participação nas discussões revelaram o quanto os estudantes se identificavam com os valores e práticas retratadas nos textos. Essa aula foi importante para desenvolver a leitura crítica de textos poéticos, além de trabalhar aspectos formais da linguagem, como estrutura dos versos, estrofes e rimas.

O estudo aprofundado de *O Quinze* foi ampliado com atividades de leitura orientada, análise vocabular e jogos pedagógicos, como o caça-palavras sertanejo e o estudo ortográfico a partir das palavras retiradas da obra. Por meio dessas atividades, os estudantes não apenas expandiram seu vocabulário e dominaram regras ortográficas, como também compreenderam a linguagem como prática social e cultural.

Destaco ainda a aula com o tema: “Estudo de língua e cultura a partir de *O Quinze*”, em que propusemos uma escuta sensível da canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (Imagem 5). A partir da letra, discutimos o sofrimento da terra e do povo sertanejo, a migração forçada e a esperança do retorno com a chegada da chuva. A música foi ponte entre literatura e vida, e inspirou a produção de uma carta, revelando emoções intensas de perda, amor e saudade. Os estudantes se engajaram com entusiasmo, revelando domínio progressivo das práticas de escrita autoral e argumentativa. Além disso, realizamos um bingo ortográfico e retomamos o caça-palavras com vocabulário sertanejo, consolidando o estudo da ortografia de forma lúdica e contextualizada. Essas atividades permitiram aliar o ensino da norma-padrão às práticas de linguagem vivenciadas pelos estudantes, sempre em diálogo com sua identidade cultural.

Em todos esses momentos, minha atuação como bolsista de iniciação à docência esteve pautada em práticas de escuta, mediação cultural e planejamento compartilhado. Participei ativamente de reuniões pedagógicas, oficinas de formação e espaços de avaliação junto à escola e à universidade, consolidando o sentido de uma prática docente colaborativa, situada e transformadora.

A análise das produções evidenciou três categorias emergentes, a saber: (1) memória afetiva do sertão – relatos marcados por recordações familiares e festivas; (2) religiosidade e resistência cultural – valorização das crenças e rituais sertanejos como símbolo de pertença; e (3) voz autoral em formação – uso consciente de estruturas narrativas, pontuação e marcas da oralidade.





Essas categorias, interpretadas à luz de teóricos como Paulo Freire (1987), que defende uma pedagogia do diálogo e da escuta, e Bakhtin (1997), que valoriza a heterogeneidade do discurso, demonstram que o espaço escolar pode (e deve) acolher as linguagens dos sujeitos como ponto de partida para o desenvolvimento da competência linguística e crítica. Além disso, corrobora com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), que defendem a articulação entre os usos reais da linguagem, os gêneros textuais e a diversidade cultural brasileira.

Além disso, a inclusão de referências culturais do sertão nordestino e o uso da música como gatilho sensível para o exercício da escrita mostraram-se estratégias eficazes para mobilizar os estudantes em torno de um fazer textual com sentido, superando práticas mecânicas e descontextualizadas. O resultado empírico aponta, portanto, para a eficácia da abordagem intertextual e identitária como caminho metodológico potente no ensino de Língua Portuguesa.

Em suma, os dados empíricos colhidos ao longo do desenvolvimento das ações didáticas no âmbito do subprojeto: “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices” revelam transformações significativas nas produções discentes, tanto em termos de conteúdo quanto de forma. As reflexões evidenciam avanços notórios na construção de sentidos, na mobilização de repertórios culturais e na incorporação de marcas de estilo ligadas à oralidade e à memória afetiva. Afinal, como preconiza Freire em *Pedagogia do oprimido* (2011): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Freire enfatiza que a educação é um processo coletivo e ninguém pode educar o outro de forma isolada, a aprendizagem ocorre em um contexto social e cultural. Os indivíduos se educam mutuamente, através suas experiências e reflexões sobre o mundo.

No estágio inicial da experiência, os textos produzidos revelavam-se predominantemente fragmentados, com progressão temática limitada, vocabulário restrito e pouco engajamento com as práticas culturais locais. Termos genéricos como “festa”, “comida típica” ou “dança” apareciam de modo isolado e descontextualizado, sugerindo a cristalização de estereótipos em torno do sertão. Não havia ainda apropriação consciente dos traços linguísticos e identitários da cultura nordestina, tampouco espaço para a subjetividade dos alunos.

Com a implementação das sequências didáticas previstas no plano de aula, foi possível observar uma mudança sensível. Os textos passaram a apresentar melhor organização interna, maior domínio da estrutura narrativa e expressiva valorização de temas como as festas





juninas, as memórias familiares, a religiosidade popular e as vivências infantis no sertão. O vocabulário empregado tornou-se mais preciso, com a emergência de termos como “arraial”, “xaxado”, “mastro”, “forró pé-de-serra” e “milho assado”, revelando apropriação dos referenciais culturais locais. Além disso, muitos textos passaram a integrar marcas de oralidade, estratégias de humor e elementos dos “causos” populares, aproximando-se da tradição da literatura de cordel e da narrativa oral nordestina.

Essa guinada qualitativa nas produções discentes pode ser atribuída não apenas à mediação pedagógica, mas também ao envolvimento afetivo dos alunos com os temas propostos. Ao tratar de elementos do cotidiano, da memória familiar e da religiosidade sertaneja, as atividades favoreceram o engajamento, despertaram o interesse pela escrita e promoveram o protagonismo juvenil. A escuta ativa, as rodas de conversa, a valorização das histórias locais e a leitura de textos de referência contribuíram para a formação de uma ambiência colaborativa, na qual os estudantes se sentiram legitimados a expressar suas vozes.

Por fim, os resultados aqui discutidos reiteram a importância de práticas pedagógicas que se fundem com a cultura viva dos sujeitos que aprendem. A valorização das narrativas sertanejas, das memórias religiosas e das expressões populares não apenas enriqueceu os textos dos alunos, mas também ampliou sua consciência identitária, revelando que ensinar a língua portuguesa em contextos periféricos e sertanejos é, sobretudo, um ato de afirmação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do subprojeto “O sertão em sala de aula: práticas de leitura e escrita sobre nossas manifestações religiosas, memórias, narrativas e invencionices”, com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) do Colégio José Aras, permitiu não apenas uma resignificação das práticas pedagógicas em Língua Portuguesa, mas também a valorização efetiva das culturas locais no espaço escolar. A partir da mobilização de temas que dialogam diretamente com a realidade dos alunos – como as festividades juninas, a religiosidade popular e as memórias familiares –, foi possível promover o fortalecimento da identidade cultural dos sujeitos envolvidos, bem como estimular a produção textual de forma criativa, significativa e crítica.

Os dados analisados ao longo do percurso apontam que, quando o ensino da língua considera os repertórios socioculturais dos estudantes, há um aumento substancial no engajamento, na qualidade das produções escritas e na constituição de sentidos mais potentes.





Essa constatação reforça o papel da escola como espaço de legitimação das múltiplas vozes do território, especialmente em contextos periféricos e sertanejos frequentemente negligenciados por propostas pedagógicas hegemônicas.

Além disso, os achados desta experiência indicam a necessidade de continuidade e ampliação de pesquisas que investiguem metodologias de ensino da língua portuguesa voltadas à valorização da cultura popular, da oralidade e da memória. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, como preconizada nos programas de iniciação à docência, mostra-se fundamental para a construção de práticas educativas transformadoras, críticas e sensíveis à diversidade.

Por fim, considera-se que as ações aqui relatadas podem inspirar outras iniciativas pedagógicas em diferentes realidades, contribuindo para a consolidação de uma escola pública democrática, plural e comprometida com a formação de leitores e escritores conscientes de sua história e pertencimento.

REFERÊNCIAS

Aras, José. **Meu Folclore**. 7. ed. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.

Aras, José. **No sertão do Conselheiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto e Arte, 2003.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Acesso em: 25 out, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série Formação do Professor).

Llosa, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.





MACHADO, Zelito Viana (dir.). **Morte e Vida Severina**. Brasil, 1977. Direção: Zelito Viana. Roteiro: João Cabral de Melo Neto e Zelito Viana, baseado na peça-poema de João Cabral de Melo Neto. Elenco: José Dumont; Tânia Alves; Elba Ramalho. Música: Chico Buarque. Duração: 85 min. Produção: Mapa Filmes.

MÁRAI, Sándor. **Verdicto em Canudos**. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 1970.

OLAVO, Antônio (dir.). **Paixão e Guerra no Sertão de Canudos**. Brasil, 1993. Direção: Antônio Olavo. Narração: José Wilker. Produção: Portfolium/UNEB/MINC. Duração: 78 min. Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/vlGNiuHTyxI?si=XDOvGAP7qZvncIHH>. Acesso em: 12 out. 2025.

REZENDE, Sérgio (dir.). **Guerra de Canudos**. Brasil, 1997. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Paulo Halm e Sérgio Rezende. Produção: Mariza Leão. Elenco: José Wilker; Cláudia Abreu; Paulo Betti; Marieta Severo; Selton Mello. Fotografia: Antônio Luiz Mendes. Música: Edu Lobo. Duração: 170 min. Distribuição: Columbia Pictures do Brasil.

ROCHA, Glauber. **Deus e o Diabo na Terra do Sol**. Brasil, 1964. Direção e roteiro: Glauber Rocha. Produção: Jarbas Barbosa e Glauber Rocha. Fotografia: Waldemar Lima. Elenco: Geraldo Del Rey; Yoná Magalhães; Othon Bastos; Maurício do Valle. Duração: 120 min. Produção: Mapa Filmes do Brasil.

SALLES, Walter (dir.). **Central do Brasil**. Brasil, 1998. Direção: Walter Salles. Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. Produção: Arthur Cohn e Martine de Clermont-Tonnerre. Elenco: Fernanda Montenegro; Vinícius de Oliveira; Marília Pêra. Fotografia: Walter Carvalho. Música: Antônio Pinto e Jaques Morelenbaum. Duração: 113 min. Distribuição: Sony Pictures Classics.

SCLIAR, Moacyr. **O sertão vai virar mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUASSUNA, Suzana Amaral (dir.). **A Hora da Estrela**. Brasil, 1985. Direção: Suzana Amaral. Roteiro: Suzana Amaral, baseado na obra homônima de Clarice Lispector. Elenco: Marcélia Cartaxo; José Dumont; Tamara Taxman. Fotografia: Edgar Moura. Música: Denoy de Oliveira. Duração: 96 min. Produção: Raiz Produções Cinematográficas.

VEIGA, José J. **A casca da serpente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ANEXOS





Imagem 1: reprodução

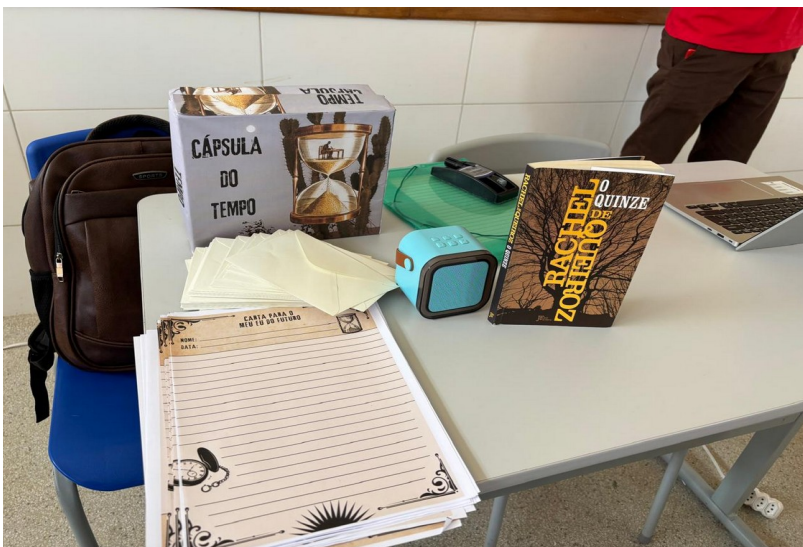


Imagem 2: reprodução

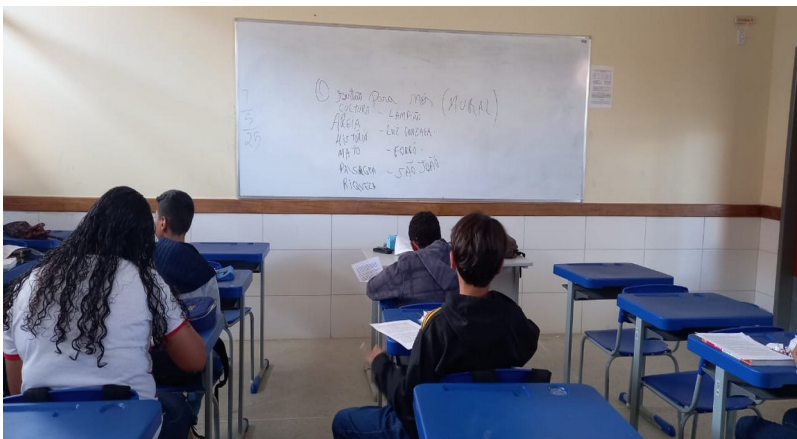


Imagem 3: reprodução





Imagem 4: reprodução

